

Entre rios de criatividade e clareiras do conhecimento: a arte de ensinar ciências na Floresta Amazônica

Ana Maria Xavier da Silva Neta¹

Leandro Barreto Dutra²

Mônica de Oliveira Costa³

RESUMO

Este artigo propõe refletir acerca da postura fluida e criativa que pode ser adotada pelo professor, inspirada nos rios sinuosos da Amazônia, de modo a abrir clareiras no conhecimento e facilitar a compreensão dos estudantes no contexto amazônico. A investigação articula-se com a perspectiva da filosofia da diferença e utiliza como referência a ferramenta foucaultiana do cuidado de si, bem como ideias centrais sobre criatividade. Por meio de uma pesquisa qualitativa em educação, o texto propõe, inicialmente, refletir as possibilidades de utilizar a criatividade no ensino de ciências como meio para promover conexões entre saberes e enriquecer a aprendizagem. Ademais, explora como práticas pedagógicas criativas podem ser aproximadas à abertura de clareiras na floresta, nas quais a luz e a clareza emergem, iluminando caminhos para o conhecimento. Assim, destaca-se o papel do professor como um agente que flui, adapta-se e transforma o ensino de ciências em um processo dinâmico conectado ao contexto amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de ciências. Criatividade e cuidado de si.

¹ Mestre. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5064-1418>. E-mail: amxdsn.mca24@uea.edu.br.

² Doutor. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9034-9190>. E-mail: ldutra@uea.edu.br.

³ Doutora. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3771-3955>. E-mail: mdcosta@uea.edu.br.

Between rivers of creativity and clearings of knowledge: the art of teaching science in the Amazon Rainforest

ABSTRACT

This article aims to reflect on how teachers can adopt a fluid and creative stance, inspired by the winding rivers of the Amazon, to open clearings in knowledge and facilitate students' understanding within the Amazonian context. The investigation is aligned with the perspective of the philosophy of difference and uses Foucault's tool of care of the self as a reference, along with central ideas about creativity. Through qualitative educational research, the text initially proposes to reflect on the possibilities of using creativity in science teaching as a means to promote connections between knowledge and enrich learning. Then, it explores how creative pedagogical practices can be likened to opening clearings in the forest, where light and clarity emerge, illuminating paths to knowledge. Thus, the role of the teacher is highlighted as an agent who flows, adapts, and transforms science education into a dynamic process connected to the Amazonian context.

KEYWORDS: Science Teaching. Creativity and the care of the self.

Entre Ríos de creatividad y claros del conocimiento: el arte de enseñar ciencias en la Amazonía

RESUMEN

Este artículo propone reflexionar acerca de la postura fluida y creativa que puede adoptar el profesor, inspirada en los ríos sinuosos de la Amazonía, con el fin de abrir claros en el conocimiento y facilitar la comprensión de los estudiantes en el contexto amazónico. La investigación se articula con la perspectiva de la filosofía de la diferencia y utiliza como referencia la herramienta foucaultiana del cuidado de sí, así como ideas centrales sobre la creatividad. Por medio de una investigación cualitativa en educación, el texto propone, inicialmente, reflexionar sobre las posibilidades de utilizar la creatividad en la enseñanza de ciencias como medio para promover conexiones entre saberes y enriquecer el aprendizaje. Además, explora cómo prácticas pedagógicas creativas pueden ser aproximadas a la apertura de claros en la selva, en los cuales la luz y la claridad emergen,

iluminando caminos hacia el conocimiento. Así, se destaca el papel del profesor como un agente que fluye, se adapta y transforma la enseñanza de ciencias en un proceso dinámico conectado al contexto amazónico.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de las Ciencias. Creatividad y cuidado de sí.

* * *

Entre rios e saberes: o cuidado de si para o ensino

Ser amazônica é saber que vivemos em meio a uma das regiões mais potentes do planeta. Aqui, os rios serpenteiam cursos, conectam povos, culturas e saberes tradicionais e ancestrais. Nossa floresta oferece-nos um cenário de vida pulsante que inspira curiosidade para saber o que nela habita. No entanto, essa riqueza, natural e cultural, que poderia ser uma fonte inesgotável de aprendizado, muitas vezes não encontra espaço nas salas de aula. As aulas acontecem como um momento desconectado do contexto de vida rico e diverso que a rodeia, muitas vezes, limitando-se a abordagens padronizadas, materiais universais e pouco contextualizados. O ensino, desconectado do contexto local, torna o conhecimento escasso e ignora o potencial educativo que a floresta emana.

Os processos criativos no ensino de ciências surgem como uma possibilidade para reaproximar a sala de aula da Amazônia. De acordo com Ostrower (1976), a natureza criativa do homem acontece no contexto cultural, no qual todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, cujas necessidades e valorações culturais se moldam aos próprios valores de vida. Com isso, pensamos que a criatividade docente é como uma ponte que conecta os saberes culturais locais e os científicos, permitindo a fluidez, bem como as águas dos rios amazônicos, as quais não seguem um único caminho reto, mas abrem possibilidades para braços e entrelaçamentos em novas rotas. O processo criativo no ensino também acontece assim, ao utilizarmos elementos como recursos para ensinar, fortalecemos a relação dos estudantes com o lugar onde habitam, valorizando suas vivências.

Essa prática criativa tem um encontro com a ferramenta foucaultiana do cuidado de si, pensada por Michel Foucault, a qual transcende a ideia de simplesmente cuidar de si mesmo de forma estética e individual. Foucault (1984) refere-se a um processo contínuo de olhar para si, no qual o sujeito busca o desenvolvimento de sua própria subjetividade e moralidade por meio de práticas que envolvem reflexão, conhecimento e ação. Nesse sentido, o cuidado de si implica uma relação constante entre o sujeito e o mundo, promovendo uma ética de vida construída a partir do olhar para o ambiente, para as outras pessoas e, principalmente, com o próprio processo.

Assim como os rios da Amazônia, que fluem, e tem a possibilidade de criar os próprios percursos com o passar do tempo, o professor que pratica o cuidado de si também busca, continuamente, se reinventar, adaptando-se ao contexto, à realidade escolar e utilizando sua criatividade como uma ferramenta para conectar os saberes científicos e culturais dos estudantes.

Ao considerar o cuidado de si, o professor não é aquele que transmite conhecimento, mas quem constitui um encontro com seu próprio processo de aprendizagem e reflexão. Foucault (2010) refere-se ao sujeito que encontra sua própria maneira de viver e de ensinar. Ele se inspira nos recursos ao seu redor e utiliza, como instrumentos de aproximação, os saberes dos estudantes. Esse cuidado com o próprio processo de ensino e aprendizagem fortalece a relação dos estudantes com o local onde vivem, e desperta o reconhecimento da importância de seu próprio conhecimento, história e cultura, algo fundamental em nosso contexto.

Visto a necessidade de um ensino de ciências que reconheça a Amazônia não apenas como um espaço geográfico, mas como um laboratório vivo de aprendizado, perguntamos: de que forma o professor pode utilizar a criatividade no ensino de ciências, inspirando-se nos rios da Amazônia, para conectar saberes e abrir clareiras no conhecimento, de modo a facilitar a compreensão dos estudantes no contexto amazônico? Este artigo propõe um convite a um ensino mais criativo e enraizado, ao refletir sobre como o professor pode assumir uma postura pedagógica fluida, inspirada nos rios

sinuosos da Amazônia, capaz de abrir clareiras no conhecimento e promover uma compreensão mais profunda e contextualizada por parte dos estudantes.

Inicialmente, refletimos acerca das possibilidades de utilizar a criatividade no ensino de ciências como um meio para promover conexões entre diferentes saberes — científicos e culturais — e enriquecer a aprendizagem. A criatividade é, então, apresentada como uma ferramenta para conectar e integrar o saber local, valorizando a cultura amazônica e seus aspectos naturais. Em seguida, exploramos como práticas pedagógicas criativas podem ser comparadas à abertura de clareiras na floresta, nas quais a luz e a clareza emergem, iluminando caminhos para o conhecimento. Assim, destacamos o papel do professor como um agente que flui, adapta-se e transforma o ensino de ciências, tornando-o um processo dinâmico e profundo, conectado diretamente ao contexto amazônico.

Entrelaçando saberes: a criatividade e o cuidado de si

Os rios que correm na Amazônia são alguns dos maiores símbolos da região: sinuosos, imprevisíveis, sempre fluindo e adaptando-se ao grande número de contornos distribuídos pela floresta. De fato, nenhum rio na Amazônia segue uma linha reta; eles se ramificam, buscam novos caminhos e se entrelaçam com outros corpos d'água, criando uma rede vital de conexões que os sustenta e a muitas outras formas de vida na floresta. Do mesmo modo, a criatividade no ensino de ciências não deve seguir um único percurso fixo. Como os rios, ao fluir, temos a possibilidade de mudar os contornos do ambiente, ou seja, na prática, moldamos o aprendizado, adaptando-o às necessidades dos alunos. De acordo com Bahia e Trindade (2013, p. 23), cada pessoa “torna-se um inventor flexível do seu futuro pessoal e contribui potencialmente para o futuro da sua cultura”.

A criatividade permite-nos perceber as necessidades e abre espaço para a intervenção por meio de ideias, com o intuito de encontrar uma solução. Essas ideias podem assumir a forma de proposições inéditas ou de adaptações

de conceitos já existentes ao contexto em que se inserem. Ostrower (1976) afirma que, ao criar, o ser humano modifica a natureza exterior, transforma e aperfeiçoa-se. No ensino de ciências, essa transformação pode ser vista em práticas com elementos do cotidiano amazônico, como folhas, sementes, os animais ou água dos rios, para explicar conceitos como a fotossíntese, o ciclo da água e cadeia alimentar.

Conforme Goudard, Belli e Menestrina (2004, p. 2), “qualquer indivíduo pode ser capaz de pensar criativamente, agir livremente, dar novas formas ao já existente, abrir-se a novas experiências, apreciar o novo, resolver problemas, inclinar-se às inovações e reinventar”. Assim, todos nascemos com um potencial criador, que pode ser despertado e desenvolvido.

Historicamente, as perspectivas sobre a criatividade variam. Goudard, Belli e Menestrina (2004) destacam que, na antiguidade, a criatividade era considerada uma inspiração divina, privilégio dos deuses e ligada a forças sobrenaturais. Para Platão, ela era uma forma de loucura. Kant, por sua vez, acreditava que a criatividade estava limitada a algumas pessoas, sendo um processo racional, espontâneo e inexplicável, e não poderia ser ensinado.

No campo da Psicologia, diferentes abordagens também buscaram explicar a criatividade. Para o comportamentalismo, ela é influenciada pelo ambiente e pelo reforço positivo recebido ao longo da vida. A Psicanálise a define como a resposta a conflitos inconscientes, produzindo soluções criadoras que aliviam tensões. Já na Gestalt, a criatividade é vista como um resultado do pensamento divergente: a capacidade do sujeito de produzir várias ideias a partir de uma informação dada. Em síntese, a criatividade resulta da interação entre as percepções individuais e a comunicação com o meio.

Dewey (1993) afirma que a criatividade é como um processo que está ligado à vivência, à interação do indivíduo com o mundo. Não é um talento inato ou limitado somente para algumas pessoas, mas uma habilidade que surge da capacidade humana de se envolver ativamente com o lugar onde vive, refletindo sobre ele, para transformar suas experiências em ações. Ele destaca que o pensamento criativo é fruto da curiosidade, da exploração e da

vontade de solucionar problemas, mostrando-nos que a educação possui um papel crucial ao propiciar um ambiente que permita aos indivíduos desenvolverem suas habilidades criativas de forma contínua.

Foucault não trata diretamente da criatividade como tema central, mas suas reflexões sobre a constituição do sujeito, a invenção de si e a estética da existência convidam-nos à criação, sobretudo nos modos de vida. “A vida como uma obra de arte: isso que me parece ser a moral que se pode tirar de tudo isso, a vida como obra de arte supõe, certamente, a criatividade de si, por si mesmo” (Foucault, 2010, p. 275), ou seja, uma criatividade existencial.

No cotidiano escolar amazônico, o professor pode estimular os estudantes a investigarem o local onde vivem. Seja em suas casas, nas ruas, ou em parques ecológicos, propondo projetos que explorem plantas (medicinais, alimentícias e seus benefícios) ou fenômenos como o encontro das águas, famoso cartão-postal da região. Além de despertar a curiosidade, essas práticas ajudam a conectar o conteúdo com as vivências dos estudantes.

Além disso, para Dewey (1993), a criatividade não é um fenômeno isolado, mas um processo integrado na vida cotidiana e na prática educacional. A educação deve promover uma abordagem prática, permitindo que os alunos se envolvam ativamente em situações de aprendizado que desafiem sua capacidade de pensar criativamente. Ele defende que, ao aprender por meio da experiência prática e da reflexão sobre essa experiência, os sujeitos têm a oportunidade de gerar novas ideias, solucionar problemas de maneira inovadora e transformar a realidade à sua volta, potencializando o desenvolvimento da criatividade em diversos contextos.

Para essa potencialização, torna-se fundamental que o docente conheça e pratique o cuidado de si. Michel Foucault resgata o conceito de cuidado de si como uma prática ética fundamental para a existência humana, enfatizando que ele não é um ato de egoísmo, mas uma forma de se colocar em um mundo que tem implicações de modo coletivo. Segundo Foucault (1984), “o cuidado de si não é simplesmente se voltar para si mesmo; é um processo de autoconhecimento que conecta o indivíduo a uma relação reflexiva

consigo e com os outros”. Inspirado pelas práticas da Antiguidade, o cuidado de si exige constante reflexão e um trabalho ético sobre o próprio modo de ser. É a partir dessa prática que o sujeito pode se questionar e olhar normas que o atravessam, criando espaço para agir de forma mais consciente e livre.

Ocupar-se consigo mesmo tornou-se de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral. A inquietação a ocupar-se consigo mesmo alcançou, durante o longo brilho do pensamento helenístico e romano, uma extensão tão grande que se tornou, creio, um verdadeiro fenômeno cultural de conjunto” (Foucault, 2010, p. 10).

Na docência, esse cuidado pode ser visto como uma abertura sensível para perceber o ambiente e as necessidades dos estudantes, permitindo que o professor seja um agente transformador, atento não apenas ao que ensina, mas como ensina. “Tornarmo-nos o que nunca fomos, esse é, penso eu, um dos mais fundamentais elementos ou temas dessa prática de si” (Foucault, 2010, p. 87). O cuidado de si é uma prática para toda a vida, por meio da qual se forja a subjetividade, configurando-se como uma atitude e uma forma de estar no mundo.

Na medida em que o sujeito conhece a si, conduz sua vida com base em princípios éticos que ele mesmo define, em diálogo com as normas sociais, Foucault (2010 p. 105) argumenta que “governar a si mesmo é um ato de liberdade que emerge do confronto com o poder e da escolha de como viver”. Nesse sentido, o governo de si é mais do que olhar para si; é a habilidade de intervir sobre o próprio ser e transformar as práticas cotidianas.

Os rios não correm reto. Se dobram, mudam de ideia, voltam um pouco, avançam de novo. Vão abrindo caminhos da maneira que é possível, esbarrando nas margens, encontrando pedras, desviando de obstáculos. Com isso, vão carregando histórias: terra, folhas, lembranças. Às vezes, deposita um pouco de si em algum canto, e logo ali brota. Outras vezes, leva embora o que já estava ali há

tempos. O rio é assim: muda o lugar por onde passa e também muda com ele. Como o professor, que, ao ensinar, também aprende, e, ao tocar o outro, se deixa tocar. Nessa dança entre o que flui e o que resiste, vão nascendo clareiras, espaços de respiro onde a luz entra e alguma coisa nova pode crescer.

As clareiras são como pausas que a floresta oferece. Algumas aparecem de forma suave, com o tempo, com o vento. Outras, de maneira mais brusca, abertas à força, por vezes, até doem. Há clareiras que curam e há as que ferem. Assim também é, na vida e no ensino. Às vezes, precisamos abrir espaço para enxergar e escutar melhor. Uma fala de um aluno, um silêncio estranho que nos faz desviar do plano inicial... de repente, abre-se uma clareira. Nem sempre sabemos o que fazer com ela, mas é a chance de se criar algo novo. Clareiras são oportunidades. Entre o movimento do rio e o claro da floresta, a vida movimentava-se, fazendo-nos perceber que é necessário aprender a fluir e deixar espaço para o inesperado.

Quando o professor decide assumir um papel ativo em sua prática pedagógica, refletindo criticamente sobre as imposições curriculares e adaptando-as ao contexto de seus alunos, trazendo fluidez, cria-se uma ruptura. A clareira se abre, e, talvez, seja ela a mais bonita, a de dentro de nós mesmos. Tudo muda. De repente, aquilo que estava apertado, escuro, um embolado de ideias e medos, ganha um espaço de luz. Como se o rio que somos abrisse passagem por dentro, levando o que já não nos serve mais, deixando margem para o que ainda nem tem nome. Na prática do ensinar, isso é um encontro, uma troca. Ensinar é estar disponível para essas clareiras, momentos em que deixamos a repetição de lado e começamos a escutar o que ainda está em processo de cuidado. Cuidado consigo, com o tempo, com o outro, com a própria travessia.

Esse movimento é alimentado pelo cuidado de si, o qual possibilita que o docente flua como os rios da Amazônia: contornando obstáculos, criando percursos e conectando saberes de forma criativa e sensível. Ao cuidar de si e governar a si mesmo, o professor não apenas transforma sua prática, mas se torna uma ponte para o desenvolvimento ético e crítico de seus estudantes, fortalecendo a relação com o ambiente e a cultura local.

Produzir clareiras

A abertura de clareiras na floresta permite que a luz penetre e revele novos espaços de vida, a criatividade possibilita que o professor inspire-se ao ensinar. Não são meras atitudes no local, mas lugares onde a natureza se reinventa e a vida encontra novas formas de existir. Nos momentos de descobertas, cria-se reflexão e conexão que transformam o aprendizado em uma experiência única.

O ensino de ciências, quando desconectado das realidades vividas pelos estudantes, corre o risco de se tornar uma prática engessada, presa a padrões curriculares que ignoram as vivências culturais e os saberes regionais. Freire (1996, p. 46) aponta a importância de uma educação conectada às experiências do educando, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nesse sentido, o professor que se abre para uma docência criativa e sensível atua como um mediador que valoriza os saberes e os incorpora ao aprendizado científico, fortalecendo a relação entre o estudante e o mundo ao seu redor.

A criatividade, em emaranhados com o cuidado de si, busca romper e criar sua própria forma de integrar o conhecimento científico com os saberes regionais e as experiências culturais dos alunos, promovendo um ensino único na busca por pertencimento. Ao usar elementos naturais e culturais da Amazônia – como o encontro das águas, a diversidade de sementes ou as práticas tradicionais da floresta – o docente cria oportunidades para que os estudantes enxerguem a ciência como algo vivo e próximo de suas realidades. Essas práticas criam clareiras nas quais os alunos tornam-se protagonistas do próprio aprendizado, construindo conexões entre o que já sabem e os novos conhecimentos.

Criar clareiras é um gesto delicado de escolha. É preciso saber onde mexer, o que pode ser retirado e o que precisa ficar. Para a luz entrar, algo precisa sair. No desejo de fazer diferente, podemos acabar tirando demais,

arrancando raízes que sustentam algo vital; desfazendo o que poderia ser abrigo; silenciando o que ainda estava aprendendo a falar. No ensino, isso pode acontecer quando tentamos mudar tudo de uma vez, sem escutar o tempo da turma, o chão da comunidade, os saberes que já existiam ali. Cuidar da clareira também é cuidar do que fica em volta dela. É ter consciência de que toda abertura mexe com o todo.

As clareiras que são feitas com pressa ou sem escuta são como feridas na floresta. Abrem buracos grandes demais, perto demais uns dos outros, e o que era um espaço de vida vira isolamento. A mesma coisa acontece na sala de aula quando os processos são forçados, quando a escuta é cortada, quando tudo vira só exigência. Nem toda mudança é transformação. Por isso, pensar a clareira como cuidado é lembrar que abrir espaço é, também, responsabilidade. Um gesto que pede presença, afeto, atenção com aquilo que está ao redor, com o que precisa nascer, e com o que precisa continuar.

Quando bem cuidadas, as clareiras viram espaços de respiro, nos quais a luz toca o chão pela primeira vez em muito tempo, onde as sementes que estavam adormecidas começam a germinar. É ali que nascem as plantas pioneiras, as que têm coragem de chegar primeiro e preparar o terreno para outras vidas. Na docência, essas clareiras aparecem quando o professor cria espaço para os improvisos, para a escuta, para o erro que surge no caminho. Em meio à dúvida, nasce algo novo. Não pode acontecer com pressa, são cultivadas com a presença. É nesse cuidado de si e dos outros que a docência se reinventa: não como algo pronto, mas como a floresta que se abre um pouco, só o suficiente para que o sol entre e a vida continue.

A abertura de clareiras no ensino é um processo que exige do professor sensibilidade para perceber as necessidades presentes, mantendo atenção não apenas ao que ocorre no contexto educativo, mas aos próprios pensamentos. Assim como as clareiras emergem da interação entre luz e sombra, a docência criativa também se constrói em um equilíbrio entre o planejamento e a espontaneidade. É nesse espaço que o cuidado de si foucaultiano torna-se uma ferramenta essencial para o professor.

Romper com padrões curriculares fixos que desconsideram a realidade local exige coragem e uma postura ética por parte do professor. Dewey (1993) já argumentava que a educação deveria ser uma extensão da vida cotidiana, e não um processo separado da experiência dos alunos. O professor, ao desafiar a rigidez curricular, propondo um ensino que valorize o ambiente e a cultura, está, ao mesmo tempo, desenvolvendo competências científicas.

É fundamental que o professor volte o olhar para si. Isso possibilita ao docente refletir acerca de suas práticas pedagógicas e suas responsabilidades como governante no ambiente educacional. Foucault (1984, p. 47) enfatiza que “o cuidado de si não é apenas uma prática individual, mas um ato ético que impacta diretamente o coletivo”. Assim, o professor que cuida de si não apenas transforma sua subjetividade, mas a forma como se relaciona com seus alunos, reconhecendo neles a necessidade de um ensino que seja mais humano e conectado à realidade.

Ao cuidar de si, o professor desenvolve um olhar mais atento e uma escuta mais ativa, permitindo fluidez, como os rios amazônicos – adaptando-se, contornando obstáculos e encontrando novos caminhos. Dessa forma, ele não apenas “abre clareiras” para o aprendizado, como torna-se um guia que ilumina caminhos de transformação e crescimento para seus estudantes. Esses caminhos, por sua vez, fortalecem a relação dos alunos com o ambiente e a cultura local, mostrando que o ensino de ciências pode ser uma experiência viva e pulsante.

Considerações finais

Ensinar, na Amazônia ou em qualquer lugar onde a vida pulsa com força, é mais do que seguir um plano de aula. É estar disponível para o encontro, para o erro, para a reinvenção constante de si e do mundo. A criatividade, nesse caminho, é uma necessidade. Ela permite que o professor respire mesmo com o peso do currículo, das cobranças e das urgências. É ela que abre pequenos espaços de liberdade, mesmo quando tudo parece apertado.

Criar, nesse sentido, é cuidar de si. É encontrar jeitos de seguir sendo gente no meio da engrenagem. É isso que Foucault relembra com sua ideia do cuidado de si: viver pode ser uma obra, e nós podemos escolher como queremos viver, mesmo que pouco a pouco.

Criar não é só inventar algo novo, às vezes é resistir ao que querem que sejamos. É poder dizer: não precisa ser assim. É abrir espaço para outras histórias, outras formas de aprender, de ensinar, de existir na escola. É saber que o conhecimento não está pronto e a verdade, muitas vezes, é uma construção feita por vozes que se impõem. Por isso, é preciso coragem para criar novos discursos, novas narrativas, mais conectadas com quem somos, com o lugar onde vivemos, com o que sentimos. É uma forma de romper com silêncios antigos e abrir clareiras onde outras vozes possam falar.

E, quando o professor se vê como alguém que pode criar, ele também se permite sentir. Sentir o tempo das coisas, o ritmo dos corpos, as perguntas que nascem do chão. A docência vira caminho e não receita. Como os rios da Amazônia, que não seguem reto, mas dançam sobre a terra, a prática docente também pode ser sinuosa, leve, forte e cheia de desvios bonitos. E, como na floresta, as clareiras abertas com cuidado podem virar lugares de luz, de vida nova, de encontros inesperados. No fim das contas, ensinar pode ser isso: abrir espaço para que o outro floresça, sem esquecer de cultivar também o próprio viver.

Referências

BAHIA, S.; TRINDADE, J. P. Transformar o velho em novo: a integração da criatividade na educação. *In*: PISKE, F. H.; BAHIA, S. (org.). *Criatividade na escola: o desenvolvimento de potencialidades, altas habilidades e talentos*. Curitiba: Juruá Editora, 2013. p. 15-32.

DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

GOUDARD, B.; BELLI, R. I. J. MENESTRINA, C. T. *Criatividade no ensino de ciências exatas*. Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia. Brasília, 2004.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em janeiro de 2026.